

## ***DE ORWELL À HUXLEY: A VISÃO MULTIFACETADA DO ESTADO TOTALITÁRIO E A SUPRESSÃO DO INDIVÍDUO.***

*Lucas Jordão Cunha<sup>1</sup>*

*Marcelo Pasquini Brazil<sup>2</sup>*

**SUMÁRIO: 1. INTRODUÇÃO. 2. A REVOLUÇÃO DOS BICHOS 2.1. DA GRANJA DO SOLAR À GRANJA DOS BICHOS: A REVOLUÇÃO 2.2 *ANIMAL FARM*: O ESTADO 3. *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* 3.1 A NECESSIDADE DA HOMOGENEIZAÇÃO PARA O CONTROLE E A SERVIDÃO 3.2 O ESTADO MUNDIAL: COMUNIDADE, IDENTIDADE E ESTABILIDADE 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS. REFERÊNCIAS.**

**RESUMO:** O presente artigo tem como foco a análise de dois grandes clássicos da literatura ocidental: A revolução dos bichos de George Orwell e Admirável mundo novo de Aldous Huxley. Buscaremos aqui fazer um exame acerca do Estado presente nestas duas grandes obras, perpassando por temáticas como dominação, direito e indivíduo.

**Palavras-chave:** A revolução dos bichos. Admirável mundo novo. Estado. Indivíduo.

**RÉSUMÉ:** Cet article vise l'analyse de deux grands classiques de la littérature occidentale: La ferme des animaux de George Orwell et Le meilleur des mondes d'Aldous Huxley. Nous cherchons ici à passer un examen de l'état de ces deux grandes œuvres, en passant par des thèmes tels que la domination, le droit et l'individu.

**Mots-clés:** La Ferme des animaux. Le Meilleur des mondes. État. Individu.

### **1. INTRODUÇÃO**

Apesar da não habitualidade do uso de obras literárias nos cursos e discussões envolvendo o Direito, diversos títulos da literatura mundial são riquíssimos de conteúdo jurídico. Muitas vezes marginalizados, em detrimento dos manuais e da linguagem direta, os juristas e

---

<sup>1</sup> Graduando em Direito pela Universidade Salvador – UNIFACS e ex-membro do Instituto de Estudos Jurídicos da UNIFACS.

<sup>2</sup> Graduando em Direito pela Universidade Salvador – UNIFACS, em Ciências Sociais, com concentração em Sociologia, pela Universidade Federal da Bahia e presidente do Instituto de Estudos Jurídicos da UNIFACS.

operadores do direito não fazem uma hermenêutica (que é riquíssima) de autores consagrados da literatura.

O presente artigo tem o fito de apontar a questão do Estado, da representatividade e do Direito em duas obras de suma importância para a civilização ocidental. Trataremos aqui de dois livros de grande influência no século XX: “A revolução dos Bichos”, escrito pelo inglês Eric Arthur Blair, sob o pseudônimo de George Orwell e a obra “Admirável mundo novo”, do também inglês Aldous Leonard Huxley.

A título de contextualização, a primeira obra citada, foi escrita em 1945, onde a então União Soviética vivia seu melhor período. A obra vem como uma ferrenha crítica à revolução soviética e ao governo da tríade Lenin, Trotsky e Stalin. Já, quando o segundo livro foi escrita, em 1932, o mundo tinha acabado de viver os reflexos da crise financeira de 1929. Huxley vem para criticar os países que detinham um sistema econômico baseado na massificação da produção. Mas também, não poupou críticas aos regimes totalitários coletivistas que impediam qualquer manifestação individual, como presenciou na Itália do século XX.

## **2. A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**

Publicado em 1945, pelo escritor inglês George Orwell, “A revolução dos bichos” (do inglês *Animal Farm*) vem como uma sátira para a então pujante União Soviética comunista. O presente trabalho, não tem a pretensão de esgotar o riquíssimo conteúdo deste clássico. Todavia, podemos resumir a citada obra como uma revolução dos animais, liderados pelos porcos, contra os opressores humanos. No desenrolar da história, os animais que concordavam com a perfeita revolução, começam a desconfiar de uma possível tirania dos porcos, o que de fato acontecia. A história evolui para, praticamente, uma oligarquia tirânica dos porcos, muito mais opressores do que os antigos humanos. Parafraseando o título da obra de Joaquim Manuel de Macedo, as vítimas se tornam algozes<sup>3</sup>.

A história, para o leigo que não conhece a obra, pode parecer um tanto quanto infantil: animais que se revoltam contra humanos. Contudo, Orwell foi de uma maestria sem igual ao escrever a obra. Como será exposto a seguir, enumeras discussões políticas e sociológicas

---

<sup>3</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. As vítimas algozes. São Paulo: Scipione, 1988.

podem ser retiradas deste “conto de fadas”, perpassando pelos conceitos de Estado, Democracia e Direito.

## 2.1 DA GRANJA DO SOLAR À GRANJA DOS BICHOS: A REVOLUÇÃO

“O homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não corre o que dê para pegar uma lebre. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Põe-nos a mourejar, dá-nos de volta o mínimo para evitar a inanição e fica com o restante.”<sup>4</sup>

O ódio ao homem é a força motriz do início da narrativa. Orwell, logo nas primeiras páginas de sua obra, explicita o ódio dos animais da Granja do Solar para com os humanos. Através da alegoria do sonho de Major, é criado um cenário onde os animais não seriam maltratados. Major cria, nesta primeira reunião onde expõe seu sonho aos bichos, o que seria chamado do princípio do “Animalismo”. Este princípio está pautado no ódio, irrestrito, aos homens e a supremacia aos animais. “O homem não busca interesses que não os dele próprio. Que haja entre nós, animais, uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. **Todos os homens são inimigos, todos os animais são camaradas.**”<sup>5</sup> (Grifos nossos). Temos aqui, claramente, o que o professor alemão Günther Jakobs chamou de Direito Penal do Inimigo. Nas palavras do doutrinador brasileiro Rogerio Greco, citando Jakobs, temos:

“Segundo Jakobs, o Direito penal do inimigo se caracteriza por três elementos: em primeiro lugar, se constata um amplo adiantamento da punibilidade, quer dizer, que neste âmbito, a perspectiva do ordenamento jurídico-penal é prospectiva (ponto de referência: o fato futuro), em lugar de – como é habitual – retrospectiva (ponto de referência: o fato cometido). Em segundo lugar, as penas previstas são desproporcionadamente altas: especialmente, a antecipação da barreira de punição não é tida em conta para reduzir em correspondência a pena ameaçada. Em terceiro lugar, determinadas garantias processuais são relativizadas ou, inclusive, suprimidas.”<sup>6</sup>

O que os animais buscavam, com este princípio, era a “demonização” do homem, transformando-o, realmente, em inimigo dos animais. Em nenhuma hipótese o homem seria bom, sempre seria tratado como o opressor e por isso não teria direitos, sendo a extirpação dos mesmos da fazenda, o único fim possível.

Com o desenrolar da narrativa, depois da morte do porco Major, os porcos Bola de Neve e Napoleão usam do princípio do Animalismo para incitar nos outros animais a chama da

---

<sup>4</sup> ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 12

<sup>5</sup> ORWELL, George. Op. Cit. p. 14

<sup>6</sup> GRECO, Rogério. Direito Penal do Inimigo. Disponível em: <http://www.rogeriogreco.com.br/?p=1029> Acessado em: 12 de agosto de 2013

revolução. Certo dia, após sofrerem muitas chicotadas, os animais se rebelam, expulsando o fazendeiro Jones e seus funcionários da granja. Precisas são as palavras do historiador húngaro Isaac Deutscher onde diz que:

“Nenhum evento na história da humanidade levanta tantas controvérsias violentas quanto as revoluções [...] A controvérsia em torno de cada revolução advém do fato evidente de que uma revolução destrói interesses estabelecidos, ideais, tradições e hábitos, empreendendo sua substituição por um modo de vida totalmente novo. Só isso já bastaria para liberar todas as paixões e fúrias do coração e da mente humanas [...] O que mantém a controvérsia viva, alimentando-a durante várias décadas, são a complexidade do fenômeno e seu caráter multifacetado”<sup>7</sup>

Com o objetivo da revolução alcançado, a expulsão dos humanos, os animais, liderados pelos porcos, lançam sua agenda de formulação de seu novo Estado. Estado, que seria regido pelo e para os animais. Estava criada a Granja dos Bichos.

## 2.2 *ANIMAL FARM*: O ESTADO

O professor e juiz federal, Dirley da Cunha Júnior, em seu curso de Direito Constitucional, citando o abade de Sieyès, diz que: “1) O que é o Terceiro Estado? – Tudo; 2) O que tem sido ele, até agora, no ordem política? – Nada; e 3) O que é que ele pede? – Ser alguma coisa” (sic)<sup>8</sup>. “Ser alguma coisa” foi justamente o que os animais buscavam. Liderados por Bola de Neve, os animais positivaram algo como a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão” francesa. Eles criaram uma série de princípios que regeriam todo o movimento do Animalismo. Princípios estes, que iriam balizar toda a nova vida da granja, eram eles:

- “1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais. “

---

<sup>7</sup> DEUTSCHER, Isaac. A revolução inacabada. Rússia 1917-1967. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 69.

<sup>8</sup> DA CUNHA JÚNIOR, Dirley. Curso de Direito Constitucional. Salvador: Juspodium, 2011. p. 236

Com o andar da narrativa, acontece algo como uma armadilha do leviatã<sup>9</sup>, expressão que leva o título de obra da cientista política Vanda Ribeiro. Os porcos idealizaram a sociedade em duas castas, uma dos trabalhos intelectuais (os porcos) e outra dos trabalhos manuais (o restante dos animais). Autointitulados os mais inteligentes, os porcos ficaram com a administração da fazenda. Com isso, todas as ordens eram provenientes dos mesmos. A sociedade da fazenda, nada mais era, do que uma sociedade de solidariedade mecanicista Durkheimiana. Não existia a individualização do ser, todos faziam parte de uma grande massa de manobra dos porcos. A constituição da fazenda era de uma horda, onde os porcos mandavam, por disporem do poder, e o restante dos animais obedeciam. Segundo Tania Quinteiro, citando o próprio Émile Durkheim:

A solidariedade é chamada de mecânica quando “liga diretamente o indivíduo à sociedade, sem nenhum intermediário”, constituindo-se de um “conjunto mais ou menos organizado de crenças e sentimentos comuns a todos os membros do grupo: é o chamado *tipo coletivo*”. Isso significa que não encontramos ali aquelas características que diferenciam tão nitidamente uns dos outros os membros de uma sociedade, a ponto de podermos chamá-los de indivíduos. Suas consciências se assemelham, eles são pouco ou quase anda desiguais entre si [...] Esse tipo de sociedade, na qual a coesão resulta “exclusivamente das semelhanças compõe-se de uma massa absolutamente homogênea, cujas partes não se distinguiriam umas das outras”, é um agregado informe: a *horda*, um tipo de sociedade simples ou não organizada.<sup>1011</sup>

Certo estava o historiador britânico, conhecido como Lord Acton, que epistolou para o então bispo Mandell Creighton, onde escreveu que “*Power tends to corrupt, and absolute power corrupts absolutely*”<sup>12</sup>. De fato, o poder corrompe. Na fazenda, os porcos começaram a editar normas para seu próprio usufruto, como a destinação do leite e das maçãs para seu consumo. Na figura de Garganta, outro porco, podemos ver o que o sociólogo alemão Max Weber chamou de “dominação carismática”<sup>13</sup>. Este, possuidor de um dom quase “divino”, convencia os outros animais de certas coisas, como na passagem: “Muitos de nós (porcos) até nem gostamos de leite e

---

<sup>9</sup> RIBEIRO, Vanda Maria Costa. A Armadilha do Leviatã. Rio de Janeiro: Eduerj.

<sup>10</sup> QUINTEIRO, Tania. Um Toque de Clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 79

<sup>11</sup> O sentido da expressão “organizada”, neste contexto, remete a ideia de que não há uma alta divisão social do trabalho. A divisão social do trabalho é o cerne para diferenciar os tipos de sociedade para Durkheim, entre sociedades de solidariedades orgânicas e mecânicas.

<sup>12</sup> A íntegra da carta pode ser lida em:

[http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1407&Itemid=283](http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com_content&task=view&id=1407&Itemid=283)

<sup>13</sup> Na dominação carismática Weberiana, os indivíduos acreditam estar diante de uma figura distinta dos demais, diante de um ídolo. O carisma “institui um tipo de dominação que se baseia na ‘entrega extra-cotidiana à santidade, heroísmo ou exemplaridade de uma pessoa e às regras por ela criadas ou reveladas”. QUINTEIRO, Tania. Op. Cit. p. 131

de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã [...] contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos.”<sup>14</sup>.

Com o passar do tempo, as opressões começam a aumentar. Os porcos, forçam os animais a trabalharem cada vez mais por cada vez menos comida e lazer. Para o economista Carl Marx, esta seria a alienação entre o trabalho e a sociedade de capital, em passagem de sua obra “Trabalho assalariado e capital”, temos que para o obreiro “a sua actividade vital é para ele, portanto, apenas um meio para poder existir. Trabalha para viver. Ele, nem sequer considera o trabalho como parte da sua vida, é antes um sacrifício da sua vida.”<sup>15</sup>.

As passagens em que os animais reclamam e se curvam perante o trabalho são inúmeras: “Todo aquele ano, os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforço ou sacrifício[...]”<sup>16</sup> ou “[...]Sansão não lhe dava ouvidos. As duas máximas ‘Trabalharei mais ainda’ e ‘Napoleão tem sempre razão’ pareciam resolver todos os seus problemas.”<sup>17</sup>.

Na mesma esteira do aumento da repressão, algumas leis tidas como “princípios do animalismo” sofreram uma mutação para atender, novamente, ao interesse dos porcos. Os animais, por diversas vezes se perguntavam se as ordens impostas estavam de acordo com os princípios do animalismo. Em razão da maioria dos animais não saber ler, Napoleão e os demais, se valiam disso para legitimar suas ações. Nesta seara, seria impossível debater a interferência da interpretação da norma jurídica na sociedade sem mencionar o francês Pierre Bourdieu. Bourdieu cria o conceito de “efeito simbólico do desconhecido”. No campo jurídico<sup>18</sup>, o direito cria barreiras para o seu entendimento. É a necessidade do técnico, é o monopólio da informação pelos advogados, juízes e peritos. A recorrente busca de termos não utilizados no cotidiano social, e muitas vezes termos de outras línguas, são exemplos destes entraves para um entendimento universal das normas. Em sua obra “O poder simbólico” Bourdier diz:

---

<sup>14</sup> ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 33

<sup>15</sup> MARX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital. Lisboa: Avante!, 1982.

<sup>16</sup> ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 52

<sup>17</sup> ORWELL, George. Op. cit. p. 54

<sup>18</sup> Segundo a conceituada revista “CULT”, o termo campo, para Bourdieu, significaria: “Espaço social estruturado e conflitual no qual os agentes sociais ocupam uma posição definida pelo volume e pela estrutura do capital eficiente no campo, agindo segundo suas posições nesse campo.”. In: REVISTA CULT. ABC de Bourdieu. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/abc-de-bourdieu/> Acessado em: 18 de outubro de 2013.

o conteúdo prático da lei que se revela no veredicto é o resultado de uma luta simbólica entre profissionais dotados de competências técnicas e sociais desiguais, portanto, capazes de mobilizar, embora de modo desigual, os meios ou recursos jurídicos disponíveis, pela exploração das “regras possíveis”, e de os utilizar eficazmente, quer dizer, como armas simbólicas, para fazerem triunfar a sua causa; o efeito jurídico da regra, quer dizer, a sua significação real, determina-se na relação de força específica entre os profissionais, podendo-se pensar que essa relação tende a corresponder à relação de força entre os que estão sujeitos à jurisdição respectiva.<sup>19</sup>

Arrematando sobre o tema, na temática da interpretação dos não habilitados, são brilhantes as palavras do sociólogo francês:

Na realidade, a instituição de um ‘espaço judicial’ implica a imposição de uma fronteira entre os que estão preparados para entrar no jogo e os que, quando nele se acham lançados, permanecem de facto dele excluídos, por não poderem operar a conversão de todo o espaço mental – e, em particular, de toda a postura linguística – que supõe a entrada neste espaço social. A constituição de uma competência propriamente jurídica, mestria técnica de um saber científico frequentemente antinômico das simples recomendações do senso comum, leva à desqualificação do sentido de equidade dos não-especialistas[...]<sup>20</sup>

O que antes era “Nenhum animal dormirá em cama” passa a ser “Nenhum animal dormirá em cama *com lençóis*”<sup>21</sup> ou o que era “Nenhum animal beberá álcool” passara a ser “Nenhum animal beberá álcool, *em excesso*”<sup>22</sup>.

Com o poder de governar, legislar, interpretar e julgar em suas mãos, os porcos criaram uma tirania na fazenda. A mudança foi tanta, que ao final da obra, os porcos terminam andando sobre duas patas, bebendo, usando roupas e jogando cartas com seus antigos inimigos, os homens.

### 3. ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Considerada uma das maiores obras do século XX, Admirável Mundo Novo (*Brave New World*), escrito por Aldous Huxley, em 1932, retratou de maneira impactante o caminho trágico de uma sociedade altamente padronizada e homogênea, cujo cerne se consiste na extinção da individualidade e da autonomia.

---

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.224

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. p. 225

<sup>21</sup> ORWELL, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.58

<sup>22</sup> ORWELL, George. Op. cit. p. 88

De maneira sintética, esta obra-prima – também inglesa – traça o fim distópico de um planeta em que os aspectos sociais, culturais e econômicos são pré-estabelecidos, pré-determinados e pré-organizados, biológica e psicologicamente, sem que os sujeitos possam perceber a maneira como são ininterruptamente condicionados. No desenvolvimento da trama, veem-se claramente as amarras criadas pelo *establishment* oriundo da alta casta dominante, os Alfa Mais, fazendo com que todos amem cegamente a sua servidão. Para isso, faz-se necessário eliminar qualquer indício de pensamento individual e reprimir a autonomia do indivíduo, através de uma padronização imposta, porém, que não é percebida, mas amada.

Ademais, esta homogeneização se inicia na criação dos seres humanos – são criados em laboratório, pois o conceito de família não existe – em um procedimento chamado de processo *bokavosky*<sup>23</sup> e, posteriormente, todos serão submetidos à *hipnopia*. Não somente isso, há engenharia genética para que se determine quais castas – não há mobilidade social – cada ser pertencerá, atribuindo quais atividades profissionais e intelectuais serão exercidas.

Nesse mundo do futuro, as pessoas serão felizes e pacíficas, sentido prazer a todo momento, amando pertencer à coletividade, sem saber que são indivíduos.

O grande trunfo da obra de Huxley está justamente em mostrar o amor e a crença das pessoas em serem – falsamente - seres livres. Não conseguem perceber que são controladas por aquilo que mais amam: pertencer ao grupo homogêneo. Não percebem o que os fazem seres livres é condicionado: o *espírito* da individualidade.

### 3.1 A NECESSIDADE DA HOMOGENEIZAÇÃO PARA O CONTROLE E A SERVIDÃO.

Exposto de maneira breve, uma das mensagens que o livro tenta passar, é necessário situar cronologicamente o momento em que se passa este mundo distópico: ano 632 d.F. (depois da era Ford)<sup>24</sup>. Entretanto, o totalitarismo invisível não foi fruto direto de uma revolução, mas uma

---

<sup>23</sup> Na obra, este termo significaria: fertilização *in vitro* visando clonar seres, em larga escala, para colocá-los na sua determinada casta. Só se submetiam os Gama, Delta e Ípsilon.

<sup>24</sup> Temos aqui uma sátira ao calendário cristão, onde os anos são contados antes e após o nascimento de Cristo. O autor usa o termo “Depois de Ford”, comparando Ford com Cristo, visto que para o surgimento daquele tipo de sociedade ele seria como um Deus.



consequência de comportamentos e atitudes tomadas pelos próprios indivíduos e pela figura do Estado, que controlados por um grupo, determinou o direcionamento ético a ser seguido, principalmente sob o fundamento de “bem comum”, “benefício para sociedade”, “dirigismo econômico”, dentre outras teses que visam sobrepor a coletividade.

Contudo, faz-se necessário o seguinte questionamento: será, realmente, que estamos distante desse controle despercebido? Pelo exposto a seguir, constatar-se-á que há uma tendência do Estado para controlar os indivíduos sob o manto de um discurso “democrático”, fazendo com que este acredite encontrar-se protegido pelo Ente Provedor. Desse modo, preconizava Friedrich Hayek: “O ‘objetivo social’ ou o ‘propósito comum’ para o qual se pretende organizar a sociedade costuma ser vagamente definido como o ‘bem-comum’, o ‘bem-estar geral’ ou o ‘interesse comum’”.<sup>25</sup>

Contudo, discorda claramente deste ideal, contestando que “o bem-estar e a felicidade de milhões não podem ser definidas numa escala única de valores”, pois “pressupõe, em suma, a existência de um código *ético* (ético e não moral) completo [...]”<sup>26</sup>.

Código ético que seria determinado pelo oligarquia, qual seja, na trama, a casta superior dos Alfas. Por tanto, com a sociedade pacificamente dominada, o controle se faz sem esforços, pois os controlados desejam manter-se sob tal situação.

### 3.3. O ESTADO MUNDIAL: COMUNIDADE, IDENTIDADE E ESTABILIDADE.

No Admirável Mundo Novo não havia nações, países, povo ou conceitos como soberania nacional ou autodeterminação dos povos, justamente devido a necessidade de haver uma comunidade pré-estabelecida, idêntica e estável, cujo trinômio em epígrafe era o seu lema. Assim, toda forma de individualismo, autonomia e posicionamento crítico seria liquidado. Em suma, não havia espaço para o indivíduo inovador.

---

<sup>25</sup> HAYEK, Friedrich. O caminho da servidão. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010. p. 75.

<sup>26</sup> HAYEK, Friedrich. Op. cit. p. 76.

Todavia, a figura do personagem principal, Bernard Marx, nos traz a salvação ou esperança de que, no indivíduo, pode haver uma mudança ou superação de conceitos que foram impostos de maneira quase intransponível. Bernard torna-se cansado da rotina e da certeza da pacificidade do seu mundo atual, porém vive inquieto como seria a o mundo “selvagem”, ao qual agora estamos.

Os Administradores do Mundo separaram a humanidade em castas (Alfa, Beta, Gama, Delta e Ípsilon), determinando a cada um o que poderia ser pensado, o que poderia ser dito e o que poderia desenvolver para manter a estabilidade e a homogeneidade social. Este substrato deveria ser composto com o fito de manter a estabilidade social para que a sociedade se desenvolva de um jeito único e imutável. Com todos de acordo à servidão prazerosa induzida, sem jamais questionar-se a respeito disso, serviriam ao Estado Mundial, de maneira à se confundir com o próprio corpo social. Pode-se até arriscar a adaptar a máxima dizendo que “fora da coletividade não há salvação”, assim temos a conclusão de que fora desta moldura, não há sentido de viver: “[...] é esse o segredo da felicidade e da virtude: amar o que se é obrigado a fazer. Tal é a finalidade de todo o conhecimento: fazer as pessoas amarem o destino social a que não podem escapar”<sup>27</sup>.

Entretanto, Bernard, apesar de ser Alfa, não tinha as características físicas da sua classe, o que lhe gerava profundo tormento. Aliado a isso, sua curiosidade sobre o passado da humanidade o fez levar ao último reduto destes seres, ainda existente, em um local longínquo da Terra: à aldeia dos “selvagens”, para que pudesse comparar o *ethos* social de cada época. Seguindo na sua inquietude, percebe-se uma tentativa de superação de si mesmo, tal qual o *Übermensch* da filosofia nietzschiana: a superação do homem da ética tradicional estabelecida para avançar ao estado de além-homem, devendo ser “desfeitas todas as amarras possíveis à vontade de potência”, justamente por que o Estado controlador impede o desenvolvimento dos sujeitos na sua plenitude, o seu desenvolvimento máximo.

Consequentemente, o atrofiamento pessoal imposto pelo controle das massas, torna a humanidade cega da sua condição. Adicione-se, ainda, que o Estado na visão de Huxley fará isso sem que seja percebido ou seja realizado sob o terror e a violência física, como escrevera Orwell na sua obra 1984. Pelo contrário, será uma servidão cujo os seus escravos amarão a sua condição,

---

<sup>27</sup> HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p.27

ser aquele o modo de viver e existir no mundo. Hayek cita Tocqueville, que no século XIX previra de maneira quase profética como se dará a servidão:

“[...] depois de ter subjugado sucessivamente cada membro da sociedade, modelando-lhe o espírito segundo sua vontade, o estado estende então seus braços sobre toda a comunidade. Cobre o corpo social com uma rede de pequenas regras complicadas, minuciosas e uniformes, rede que as mentes mais originais e os caracteres mais fortes não conseguem penetrar para elevar-se acima da multidão.”<sup>28</sup>

E continua, alertando para o perigo de um totalitarismo silencioso: “sempre pensei que uma servidão metódica, pacata e suave, como a que acabo de descrever, pode ser combinada, com mais facilidade do que em geral se pensa, com alguma forma aparente de liberdade, e que poderia mesmo estabelecer-se sob as asas da soberania popular”<sup>29</sup>.

Diante disso, pode-se constatar que o Estado ou o Ente controlador, sob a argumentação do bem-comum, pode dominar as grandes massas que, já condicionadas e acreditando ser a figura estatal provedora, acabam aceitando qualquer atitude que venha a ser tomada, submetendo-se à moral tradicional estabelecida, que na obra em comento, é pertencer à coletividade.

Este alerta foi feito pelo filósofo do martelo, ao tratar da aparência da moral: “seja qual for o ponto de vista que nos coloquemos, deve ser reconhecido que a falsidade do mundo em que acreditamos viver é a coisa mais verdadeira e firme que nossa visão possa aprender”<sup>30</sup>.

Quer-se dizer, com isso que a visão do mundo deve ser superada e a noção do mundo deve vir a partir da formação do indivíduo como ser livre e não pela moral ou ética determinada por um estado. Ademais, o sistema jurídico é grande determinador de condutas, criando no seio da comunidade “verdades absolutas”, justamente por ser normas e, o Estado, criando normas sempre irá prever a conduta do indivíduo, impedindo-o de ser livre.

Não se quer dizer, todavia, que o indivíduo deve para superar o limites existenciais impostos quebrar as regras ou inverter a ordem, mas combater aquilo que o obriga à exercer determinados comportamentos sem dar-lhe margem de autonomia. Ou seja, a luta será contra a imposição moral e ética que lhe é marcada pela elite dominante que lhe dirige na seara psicológica

---

<sup>28</sup> HAYEK, Friedrich. O caminho da servidão. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010. p.20

<sup>29</sup> HAYEK, Friedrich. Op. cit p. 21

<sup>30</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: WVC, 2001. p. 58.

e econômica, obstruindo a livre iniciativa. Bem tratada esse tipo de dominação está na sociologia weberiana, que detalha a superação se dá contra o organismo que lhe determina o modo de viver e não contra os outros indivíduos. Tanto é assim que na obra, Bernard Marx traz ao seu mundo John, o selvagem, sem querer que seja imposta a moral do silvícola, mas apresentar outro viés que não feriria o *modus vivendi* dos outros indivíduos:

“há que se atentar para ao fato de que as categorias de luta e seleção, que poderiam dar margem a uma interpretação darwinista da Sociologia weberiana, não se referem à luta dos indivíduos por suas probabilidades de vida, mas pela seleção das relações sociais, por impedi-las, estorvá-las, favorecê-las ou organizá-las num certo padrão que convém ou atende aos valores ou interesses e crenças daqueles que tratam de impô-los”<sup>31</sup>

Justamente isso, foi o que aconteceu com Bernard Marx, ao questionar-se por que o mundo era daquele jeito e não poderia ser mudado, pois existia um valor maior imposto que era inquebrantável, uma ordem moral, jurídica, econômica que era necessariamente obrigada de ser seguida, pelo mandamento de que “cada um pertence a todos”. Desse modo, não havia inovação, desenvolvimento moral, mas apenas tecnológico, justamente para o controle das massas, para o amor da servidão. Cria-se uma prisão mental, espiritual, na qual não podemos enxergar o claustro e quem enclausura: “um estado totalitário verdadeiramente eficiente seria aquele em que o executivo todo-poderoso de chefes políticos e seu exército de administradores controlassem uma população de escravos que não tivessem de certo coagidos por que amariam sua servidão”<sup>32</sup>.

## 5. CONCLUSÃO

Diante da exposição acima, traçando como se dá a dominação nos Estados de Huxley e Orwell, podemos concluir, que a todos os momentos, somos suprimidos por uma força que busca tornar o convívio e as relações sociais cada vez mais homogêneas e estáveis. Não permitindo assim, a evolução natural do indivíduo.

Temos no Estado de Orwell uma revolução às avessas, transformando os seres, antes pares, em seres diferentes. O próprio “povo” se torna contra si, usando da ignorância para modificar o Estado e se manter no poder.

---

<sup>31</sup> QUINTEIRO, Tania. Um Toque de Clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 130.

<sup>32</sup> HUXLEY, Aldous. Regresso ao admirável mundo novo. São Paulo: Círculo do livro. 1985. p. 12.

Já em Huxley, temos a consequência fatal de uma sociedade que supervalorizou a massificação. Isto, em detrimento da liberdade individual, alienando seus integrantes, sob o argumento de que o “bem comum” é benéfico. Nesta esteira, percebemos que a dominação disfarçada, criando assim um “bem estar” aos dominados, para que eles não possam reagir.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BOURDIEU**, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

**GRECO**, Rogério. Direito Penal do Inimigo. Disponível em: <http://www.rogeriogreco.com.br/?p=1029> Acessado em: 12 de agosto de 2013

**MACEDO**, Joaquim Manuel de. As vítimas algozes. São Paulo: Scipione, 1988.

**DA CUNHA JÚNIOR**, Dirley. Curso de Direito Constitucional. Salvador: Juspodium, 2011

**DEUTSCHER**, Isaac. A revolução inacabada. Rússia 1917-1967. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991

**HAYEK**, Friedrich. O caminho da servidão. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010

**HUXLEY**, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Círculo do Livro, 1985

**HUXLEY**, Aldous. Regresso ao admirável mundo novo. São Paulo: Círculo do livro. 1985

**MARX**, Karl. Trabalho Assalariado e Capital. Lisboa: Avante!, 1982

**NIETZSCHE**, Friedrich. Além do bem e do mal. São Paulo: WVC, 2001

**ORWELL**, George. A revolução dos bichos: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

**QUINTEIRO**, Tania. Um Toque de Clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

**REVISTA CULT. ABC de Bourdieu.** Disponível em:  
<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/abc-de-bourdieu/>. Acessado em: 18 de agosto de 2013

**RIBEIRO**, Vanda Maria Costa. A Armadilha do Leviatã. Rio de Janeiro: Eduerj